



## **E Machado de Assis virou Mangá: Reflexões sobre a releitura em quadrinhos do romance Helena**

VALÉRIA FERNANDES DA SILVA\*

A adaptação de clássicos da literatura para os quadrinhos em nosso país não é uma novidade, mas uma prática comum desde as primeiras décadas do século passado.<sup>1</sup> Com caráter francamente didático, ou paradidático, a adaptação da literatura para quadrinhos nunca foi uma unanimidade. Defendida como uma forma de apresentar clássicos da literatura aos jovens, era por muitas vezes encarada como uma espécie de engodo, retardando a introdução dos clássicos aos novos leitores.

Consideramos como quadrinhos a arte sequencial que combina texto e imagens, duas linguagens distintas, com o objetivo de contar uma história, sendo que os diversos elementos de uma HQ podem ser lidos em conjunto ou isoladamente e constituem em si mesmos uma gramática própria e factível aos leitores. (EISNER, 2001: 7-12) Assim as HQs exigiriam uma alfabetização própria que permita a compreensão dos vários códigos e referências típicas dessa mídia. (VERGUEIRO, 2004: 31)

Quadrinhos são produzidos em diversos países e, em linhas gerais, os mangás são HQs japonesas. Durante muito tempo, a marca de origem era a chave para a sua definição. Com a difusão dos quadrinhos nipônicos pelo mundo, artistas de vários países passaram a defender que seria possível fazer mangá em qualquer lugar, desde que fossem utilizadas a linguagem visual e a narrativa, os traços mais comuns nas obras japonesas. Esta questão ainda gera controvérsia, contudo, para efeito de nossa comunicação, abraçamos a ideia de que Helena, do Studio Seasons, é um mangá, só que produzido em nossos país e em nosso sentido de leitura, isto é, da esquerda para a direita.

O Studio Seasons foi criado em 1996 e em suas origens, tinha quatro membros, porém o núcleo que permanece trabalhando até hoje é composto por Simone Beatriz, Montserrat e Sylvia Feer. Com várias publicações ao longo de mais de duas décadas, elas se destacam por abraçarem como sua grande referência e inspiração os quadrinhos japoneses. Dentro do quadro de autores nacionais de quadrinhos, o Studio Seasons se destaca tanto pela longevidade, quanto pelo fato de ser formado somente por mulheres em um momento anterior ao boom dos

---

\* Professora do Colégio Militar de Brasília, Doutora em História pela UnB.

<sup>1</sup> A primeira adaptação literária reconhecida para quadrinhos no Brasil é Guarani, de autoria de Francisco Acquareone e publicada em 1937 pelo jornal Correio Universal.

quadrinhos japoneses no Brasil, este iniciado com a publicação de Dragon Ball, no final do ano 2000. Assim como acontece com vários artistas nacionais de quadrinhos,<sup>2</sup> as artistas do Studio Seasons não sobrevivem somente da sua produção, dedicando-se a outras atividades.

No caso de Helena, o volume foi desenhado por Simone Beatriz e roteirizado por Montserrat. Oficialmente, o projeto, que foi encomendado pela editora NewPop, foi noticiado em 2010. Para quem acompanha o mercado nacional de mangás, especialmente as produções nacionais, um anúncio pode redundar em nenhuma publicação ou em uma demora de anos. No caso de Helena, o volume encadernado chegou às livrarias e lojas especializadas no ano de 2014.

Como toda adaptação é em si mesma uma nova obra, ela tem o sabor de sua própria época e pode ser atravessada por questões e ansiedades estranhas ao original. Nos últimos anos, os clássicos em quadrinhos estão se tornando cada vez mais comuns nas livrarias e listas escolares. As razões para a produção de tais adaptações são variados e vão desde o desejo de tornar a literatura mais acessível à juventude até o mero interesse mercadológico, pois o MEC passou a incluir os quadrinhos em seus editais. O sucesso de um quadrinho se assenta na capacidade de dialogar com os leitores, um público consumidor que pode, ou não, ser o mesmo público do clássico original.

Helena é talvez o mais importante romance da fase romântica de Machado de Assis e foi publicado na forma de folhetim, isto é, em capítulos, em 1876. Vários anos antes da Abolição e da República, a obra marcadamente urbana retratava uma sociedade patriarcal de rígidas hierarquias e extremas desigualdades de classe, raça e gênero. Mesmo que alguns considerem Helena uma obra convencional, caracterizada por um sentimentalismo que depois seria abandonado por Machado de Assis e um trabalho muito aquém do que o autor ofereceria em suas obras realistas, é possível ver a obra de outra forma, como espaço de representação e subversão dos papéis de gênero vigentes na época de sua publicação.

Assim, discutiremos em nosso trabalho como se deu a apropriação e releitura do romance Helena pelo Studio Seasons. Como se deu a transição do romance para uma mídia popular de entretenimento e qual o impacto da autoria feminina na releitura da obra de Machado de Assis. Analisaremos se é possível perceber tensões de gênero no material quadrinizado e como as autoras dialogam tanto com a obra machadiana.

---

<sup>2</sup> Tal se justifica, porque o mercado brasileiro é pequeno e dominado pelas obras que vem do estrangeiro e a produção do estúdio de Maurício de Souza.

Compreendemos gênero como papéis sociais atribuídos à homens e mulheres em uma dada sociedade historicamente localizada, e que ajudam a constituir como nos vemos e nos comportamos no social. Os papéis de gênero são dinâmicos e, em alguns casos, negociáveis, embora não sejam, de forma alguma, simétricos, pois se constituem dentro de uma sociedade patriarcal.

Neste sentido, os quadrinhos atuam como tecnologias de gênero, definidos por Teresa de Lauretis como “o conjunto de efeitos produzidos em corpos, comportamentos e relações sociais” (LAURETIS, 1994: 208) que criam homens e mulheres dando-lhes contornos próprios e hierarquizando-os. Os quadrinhos, assim como a literatura, são tecnologias de gênero, porque são narrativas que produzem sentidos e, ora, naturalizam diferenças entre homens e mulheres, ora, questionam o que está dado, contudo, normalmente reforçam certos aspectos consolidados no imaginário de uma determinada época.

### **Do Livro ao Quadrinho**

Os quadrinhos são fruto da era industrial e da massificação da alfabetização do século XIX, especialmente nos Estados Unidos. Baratos e de fácil acesso, nos primeiros tempos, eram publicados em jornais americanos e republicados em vários países, como o Brasil, logo foram criadas, revistas mais ou menos especializadas em quadrinhos. Aqui, a Tico-Tico, foi a pioneira e outras vieram depois, assim como os suplementos específicos nos jornais. Contudo, desde os primórdios, os quadrinhos foram alvo de suspeita por parte de autoridades governamentais, educacionais e acadêmicas.

Jacqueline Danziger-Russell (2013) discute a aversão das autoridades à literatura popular do século XIX, os chamados *penny dreadful*, e estende a sua análise aos quadrinhos no século XX. Tal como as HQs, eles eram baratos, escritos em linguagem acessível às classes populares e jovens, carregados de aventura, crimes, algum erotismo, em certos casos, frequentemente escritos sob pseudônimo e tendo heróis e heroínas “pouco recomendáveis” por sua classe social e ações. No geral, os *penny dreadful* fugiam ao controle do que as autoridades consideravam adequado para as massas.

Os críticos argumentavam que tais livros tinham efeito negativo sobre a moral e os bons costumes, estimulando a delinquência juvenil. (2013: 8) Esse tipo de literatura, assim como os quadrinhos depois deles, eram vistos como materiais que afastavam os jovens dos bons livros, dos clássicos da literatura. Mas teria alguma obra literária um valor intrínseco a si mesma? Terry Eagleton argumenta que:

Não existe uma obra ou uma tradição literária que seja valiosa em si, a despeito do que se tenha dito, ou se venha a dizer, sobre isso. "Valor" é um termo transitivo: significa tudo aquilo que é considerado como valioso por certas pessoas em situações específicas, de acordo com critérios específicos e à luz de determinados objetivos. (Eagleton, 2006: 17)

Se “valor” é algo estabelecido narrativamente ao longo da História, sendo mutável e sujeito a interesses diversos, a valorização dos clássicos em contraposição à desqualificação da literatura popular não se sustenta fora dos jogos de poder dentro de uma determinada sociedade. Assim é possível defender que a demonização dos quadrinhos tem as mesmas raízes da perseguição à literatura popular é uma das expressões da necessidade de controle sobre os pobres e os jovens. A culpabilização dos gêneros populares pelos males sociais, tornou-se comum nos EUA, foi algo corrente no Brasil a partir dos anos 1930, e seu ranço permanece até os nossos dias.

Assim sendo, as adaptações dos clássicos da literatura para os quadrinhos eram uma estratégia para tentar justificá-los e legitimá-los aos olhos da elite intelectual e das autoridades. Contudo, as críticas às adaptações de clássicos da literatura universal aos quadrinhos foram ferozes. As HQs eram acusadas de afastar os leitores dos livros “de verdade” e poder ter impacto negativo na venda dos livros (JUNIOR, 2004: 123),<sup>3</sup> de depreciação e deturpação da obra original etc.

Ora, toda adaptação é, por princípio, outra obra, dialogando com o original e com as questões que agitam o momento em que é produzida. Nesse sentido, o próprio ato de leitura também é uma reescritura. Afinal, cada época não leria de uma forma (ou até de várias formas) o mesmo texto. Este é o argumento de Eagleton, que afirma que:

O "nosso" Homero não é igual ao Homero da Idade Média, nem o "nosso" Shakespeare é igual ao dos contemporâneos desse autor. Diferentes períodos históricos construíram um Homero e um Shakespeare "diferentes", de acordo com seus interesses e preocupações próprios, encontrando em seus textos elementos a serem valorizados ou desvalorizados, embora não necessariamente os mesmos. Todas as obras literárias, em outras palavras, são “reescritas”, mesmo que inconscientemente, pelas sociedades que as lêem; na verdade, não há releitura de uma obra que não seja também uma “reescritura”. (Eagleton, 2006: 18-19)

Seguindo esse argumento, não seria interessante perceber as adaptações de clássicos para os quadrinhos de uma perspectiva mais positiva? Ao longo do tempo, e discutiremos aspectos mercadológicos no próximo tópico, a percepção dos clássicos vertidos para os

---

<sup>3</sup> Esta era a opinião de José Olympio, editor das obras de Jorge Amado, o escritor, entretanto, contrariou sua vontade e permitiu as adaptações. A postura de Jorge Amado e outros escritores, ajudou a romper com algumas resistências e outros autores e autoras deram autorização para que suas obras fossem quadrinizadas.

quadrinhos, tem variado um pouco, todavia, as críticas, ainda que tenham diminuído, permanecem as mesmas.

As adaptações das obras literárias para os quadrinhos não vieram de imediato, mas não são coisa nova no Brasil. A EBAL (Editora Abril América Latina), fundada oficialmente por Adolfo Aizen em 18 de maio de 1945, especializou-se em quadrinhos de viés educativo – biografias de personagens ilustres, religiosos, clássicos adaptados, História nacional, mundial, da ciência etc. – como uma forma de legitimar as publicações de material popular, como os super-heróis norte-americanos. Série como as que apresentavam aos jovens as grandes figuras da História e da literatura do país serviam para atenuar a perseguição aos quadrinhos.

Ainda assim, Carlos Lacerda, grande opositor de Getúlio Vargas, fez um pronunciamento em 1946, no Primeiro Congresso de Escritores Brasileiros, no qual chamou os quadrinhos de “veneno importado”, os quais poderiam trazer problemas de ordem moral e ética para as crianças, seres influenciáveis, e que vários escritores “comunistas” estavam se dedicando à área de literatura infantil e quadrinhos. (JUNIOR, 2004: 120-121)

As críticas aos quadrinhos vinham de várias fontes, mas Aizen, em especial, tentava dialogar com seus opositores e insistia nos quadrinhos educativos. Nesse sentido, destaca-se a coleção chamada de Edição Maravilhosa.<sup>4</sup> Publicada entre 1948 e 1962, a qual contou com duzentos números. As vinte e três primeiras edições foram traduções e adaptações da norte americana *Classics Illustrated* e, a partir daí, mediante negociações com autores e seus representantes, Aizen começou a publicar clássicos nacionais, também. O argumento, assim como em nossos dias, era desenvolver o prazer pela leitura. Curiosamente, nenhum livro de Machado de Assis foi adaptado nesta coleção da EBAL.

Muitas características dos materiais, como aqueles produzidos pela EBAL, são diferentes das adaptações contemporâneas. Os quadrinhos educativos da EBAL eram estáticos, padronizados, com poucas páginas e frequentemente ilustrados pelo mesmo artista, André LeBlanc. As adaptações modernas têm vários formatos, diferentes estilos artísticos, são muito mais dinâmicas na narrativa e tem um maior número de páginas.

No caso da EBAL, por terem poucas páginas, suas adaptações tendiam a ser superficiais, sem cuidado com detalhes que somente uma pesquisa mais profunda poderia possibilitar. Era

---

<sup>4</sup> Alguns dos títulos da coleção foram republicados na coleção Clássicos Ilustrados da Literatura Brasileira, além da própria Edições Maravilhosas ter tido uma segunda edição.

material para consumo rápido. Helena, do Studio Seasons, contrasta drasticamente com esse tipo de produto. Segundo as autoras, o interesse era produzir um material de qualidade e:

(...) a ideia era passar a época em que Helena se passa em seus detalhes. E olhamos as outras adaptações. Eram bem resumidas, perdendo vários assuntos das histórias. Era algo do tipo "contar por alto". Não queríamos isso, queríamos algo o mais fiel possível dentro do limite de páginas. (2017)<sup>5</sup>

Helena, do Studio Seasons/NewPop, tem cerca de 250 páginas. O número de páginas, segundo as autoras de Helena em formato mangá, foi a única exigência da editora. Isso é bem mais do que a média das adaptações de literatura para quadrinhos produzidas em nosso país, seguindo o padrão internacional de coleções como a *Manga Classics*,<sup>6</sup> cuja proposta é adaptar para quadrinhos os livros mais comuns do currículo escolar dos EUA e Canadá, bem como alguns clássicos da literatura universal. Mas de onde vem o interesse contemporâneo? Esse novo esforço de adaptar os clássicos para os quadrinhos?

#### **Aquecendo o Mercado: Quadrinhos nos PCN e PNBE**

A promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), em 20 de dezembro de 1996, é considerada um marco para a plena aceitação dos quadrinhos como leitura com possibilidades educativas e adequada a se fazer presente nas bibliotecas escolares e nas salas de aula. Segundo Waldomiro Vergueiro e Paulo Ramos, quando o item II do § 1º do art. 36 fala em “conhecimento das formas contemporâneas de linguagem”, abriu-se a possibilidade para que os quadrinhos fossem acolhidos no ambiente escolar. (VERGUEIRO, RAMOS, 2009: 10)

No entanto, somente em 2006, o edital PNBE (Programa Nacional Biblioteca na Escola) passou a incluir quadrinhos entre os livros comprados e dez títulos apareceram na lista final, o que representou 4,5% dos 225 títulos selecionados pelo MEC. (VERGUEIRO, RAMOS, 2009: 12) O objetivo do programa é possibilitar o acesso à cultura e à informação e estimular o hábito de leitura. Assim, um abismo separa as primeiras investidas da EBAL, a necessidade de reiterar o aspecto positivo dos quadrinhos, e o ambiente mais acolhedor que marcou o início do século XXI.

Em sua tese de doutorado, Girlene Marques Formiga defende que o que garantiu a entrada das HQs nos editais do PNBE foi, por um lado, a tomada de consciência de que os quadrinhos são uma ferramenta de estímulo à leitura e uma linguagem que facilita o prazer

---

<sup>5</sup> Fragmento de uma entrevista feita com as autoras do mangá. Ela não foi publicada.

<sup>6</sup> A coleção *Manga Classics* é publicada pela editora Udon (Canadá/EUA/Japão) e, ao contrário de Helena, utiliza o sentido oriental de leitura.

pelos livros, e, por outro lado, a maior disponibilidade de verbas para o PNBE, possibilitou a incorporação das HQs. Ela cita as falas do então diretor de políticas de formação, materiais didáticos de tecnologias da Secretaria de Educação Básica do MEC, Marcelo Soares, o qual defende que o maior aporte de recursos governamentais foi o fator decisivo para que se incluíssem as HQs no PNBE. (FORMIGA, 2009: 227)

Ainda assim parte do público leigo continua vendo com desconfiança os quadrinhos e, não raro, temos jornais estampando notícias sobre denúncia de pais contra materiais vistos como inadequados para a estarem nas bibliotecas escolares ou nas listas de materiais das escolas privadas. Em alguns casos, é possível perceber um viés conservador e desinformado em relação ao que pode ser uma HQ, contudo, há que analisar se certos materiais selecionados realmente seriam adequados para a faixa etária para o qual foram sugeridos. Quadrinho nem sempre é “coisa de criança”, ainda que tal ideia esteja ainda muito firme no imaginário social brasileiro.

De fato, os quadrinhos ainda não foram devidamente domesticados e absorvidos pelo ambiente escolar e acadêmico. Nesse sentido, cabe destacar a crítica de Vergueiro e Ramos (2009: 36-37) ao enquadramento dos quadrinhos como literatura e não como uma expressão artística autônoma; uma discussão que mobiliza particularmente os estudiosos da área, mas que passa à margem das políticas públicas que possibilitaram aos quadrinhos chegarem às escolas brasileiras com maior regularidade.

Mesmo com todo o interesse que os quadrinhos passaram a despertar, somente em 2009, eles passaram a figurar nos editais voltados para o Ensino Médio. Isto é, apesar de considerar os quadrinhos como um gênero literário, havia da parte dos responsáveis pelos PNBE a visão ultrapassada de que este tipo de leitura seria voltado para o público infanto-juvenil e não de interesse dos jovens e adultos. Tal visão é incongruente inclusive com o que tem sido apresentado no exame nacional do ensino médio (ENEM) e vestibulares que incorporam regularmente quadrinhos e charges em suas questões.

O interesse do MEC fez com que editoras que jamais se preocuparam com a publicação de quadrinhos corresse para as adaptações de obras literárias. O interesse marcadamente financeiro, já que estão em jogo verbas estatais, produziu, segundo constataram os pesquisadores Waldomiro Vergueiro e Paulo Ramos algumas redundâncias. Entre 2006 e 2008,

por exemplo, duas obras de Machado de Assis receberam particular atenção. O Alienista foi adaptado quatro vezes e A Cartomante, três. (VERGUEIRO, RAMOS, 2009: 18)<sup>7</sup>

Visto por este prisma, ainda que incorporadas e legitimadas pelas políticas governamentais ao longo de pelo menos uma década, os quadrinhos ainda são percebidos como materiais secundários, um atrativo sem dúvida, mas não em pé de igualdade com os livros tradicionais. Um corte de recursos públicos poderia, portanto, provocar a diminuição das compras pelo MEC e, seguindo uma lógica capitalista, levar a uma perda de interesse por parte das editoras.

Helena do Studio Seasons não foi publicado por uma editora de livros didáticos e paradidáticos, mas por uma empresa especializada em publicar mangás vindos do Japão ou dos Estados Unidos. Sua produção, segundo as autoras, foi fruto de uma encomenda feita no ano de 2010. A produção longa, resultado de um cuidadoso trabalho de adaptação do texto, pesquisa histórica e arte, fez com que seu lançamento fosse somente em 2014. As autoras acreditam que o objetivo da editora era participar do edital do PNBE, mas não há como afirmar com certeza.

### **Helena em sua tradução para o mangá**

Publicado em 1876, entre agosto e setembro no Jornal “O Globo”, Helena narra acontecimentos de vinte anos antes. 1850, morto o Conselheiro Vale, seu filho e herdeiro, Estácio, e a irmã solteira do morto, Úrsula, descobrem que o velho tinha uma filha bastarda, que resolveu reconhecer oficialmente em testamento. Estácio acata a vontade do pai sem reservas e a moça, Helena, vem morar com eles. Sua origem humilde e espúria termina eclipsada pela sua beleza, inteligência e bom caráter. Com o tempo, D. Úrsula passa a alimentar real afeição pela sobrinha, já Estácio se sente cada vez mais ligado à irmã. Helena, contudo, representa uma ameaça aos planos do Dr. Camargo, amigo da família, de ver sua filha Eugênia casada com Estácio. Com o correr da história, fica patente que o sentimento nutrido por Estácio e Helena não é fraternal, mas incestuoso. E ainda que o segredo guardado por Helena afaste a sombra da transgressão, o caráter da moça e a rigidez dos costumes, prenuncia a tragédia.

Um dos problemas relacionados à análise dos livros pré-realistas de Machado de Assis consiste em, durante muito tempo, eles serem observados a partir de suas obras posteriores, como Brás Cubas e Dom Casmurro. Assim, o Machado de Assis de Helena, de A Mão e a

---

<sup>7</sup> Em 2009, a versão em quadrinhos de O Alienista, feita pelos conceituados Gabriel Bá e Fábio Moon, entraram no PNBE e receberam na Flip daquele ano o prêmio de melhor livro didático e paradidático de ensino fundamental e médio.

Luva, de Iaiá Garcia, era aquele que ainda iria vir a ser o grande escritor. O Machado de Assis de Helena é sempre o que virá a ser, o que não está pronto, ou completo. Em sua tese Rogério Fernandes dos Santos propõe “(...) *uma leitura que procure restabelecer a relação entre o leitor e obra em seu contexto, dentro da história literária brasileira, rompendo com a leitura mediada pela inserção do livro no desenvolvimento literário de Machado de Assis*”. (SANTOS, 2009: 13) Ainda que estudos mais recentes da obra machadiana e de Helena, especificamente, rompam com esse viés evolucionista, a introdução da adaptação para o mangá ainda toma como ponto de partida esta forma de ver as obras da fase romântica do autor.

Dessa forma, já na introdução da obra temos a seguinte afirmação “*Helena é considerada por alguns analistas como um esboço do que seria Capitu, em Dom Casmurro*” (STUDIO SEASONS, 2014: 8). Este tipo de afirmação é comum nos resumos de sites educacionais sobre a obra, por sua dubiedade, pois Helena guarda um segredo que pode abalar a estrutura familiar, ela se aproxima da heroína máxima do autor. Todavia, logo a seguir a introdução afirma que Helena é muito mais a heroína romântica típica, vítima do sistema e de si mesma, assujeitada, portanto, aos papéis de gênero mais convencionais. Está estabelecida a hierarquia entre o Machado que irá ser com suas personagens complexas e o romântico, aquele que ainda não está pronto, maduro. Isso foi reforçado em uma entrevista das autoras:

A editora nos deu total liberdade para escolher um título. Machado de Assis é uma referência literária muito forte, por esse motivo, foi nossa escolha natural. Contudo, não queríamos repetir a tendência de adaptar suas obras mais recorrentes; dessa forma escolhemos trabalhar com uma obra de seu período romântico que tinha algumas sementes que desabrochariam com força em suas obras posteriores, como a dubiedade de Dom Casmurro. Helena foi um título com esse ponto e que se encaixava muito bem numa linguagem estética de mangá com um ritmo de ação interessante. (2017)

Em seu livro “Ao Vencedor as Batatas: forma literária e processo social no início do romance brasileiro”, Roberto Schwarz (2000: 117-118) defende que há em Helena três tipos de personagens, as boas (Helena e Estácio), as menos boas (D. Úrsula e Eugênia) e as francamente más (Dr. Camargo). Personagens como Helena não negociam e, frente a uma suspeita sobre seu caráter, preferem sacrificar seu bem-estar e sua vida, se necessário. É o que de fato acontece no final do romance.

Seria isso uma marca do romantismo? Cremos que não, porém é possível ver não somente em Helena, mas em outras obras de Machado de Assis, uma certa concepção de feminino, assim como de masculino, que norteia a construção das mulheres do autor. Logo nas primeiras páginas de Helena, há um direcionamento da questão quando o narrador onisciente

afirma que *“As mulheres que são apenas mulheres, choram, arrufam-se ou resignam-se; as que têm alguma coisa mais do que a debilidade feminina, lutam ou recolhem-se à dignidade do silêncio.”* (ASSIS, 2008)

Assim, às mulheres em sua debilidade natural caberia chorar, arrufar e se submeter. A quem? Ao sistema patriarcal, aos poderes masculinos que determinam seu destino. É isso, ou a destruição, a tragédia. Como a literatura é uma tecnologia de gênero, ela atua de forma pedagógica oferecendo modelos, exemplos, daquilo que seria adequado socialmente, ou uma transgressão, constituindo homens e mulheres, ora reiterando, ora confrontando algumas regras do sistema.

D. Úrsula, no início, se recusa a aceitar Helena, não chora, isso não é de seu feitio e *“coração de velha é casa arruinada”* (ASSIS, 2008), mas sua resistência se diluí e ela termina por se submeter aos poderes instituídos, nesse caso, ao sobrinho que é, por direito, o chefe da família. O dever vem primeiro, a obediência feminina aos poderes masculinos, o afeto por Helena é desenvolvido com a convivência.

Schwarz (2000) defende que Estácio aceita a meia-irmã logo de início, porque é uma personagem boa, e, também, porque é um bom católico, e o livro Helena, na sua condição de obra romântica precisa reforçar os valores morais tradicionais. O aspecto moralizador cristão do romance é algo central para o autor. Já Sidney Chaloub, em seu livro *“Machado de Assis Historiador”*, identifica nas obras machadianas aspectos ligados a estrutura social do Segundo Império Brasileiro e, sem recorrer a categoria gênero, percebe que é o dever e o privilégio masculino, patriarcal, que conduz Estácio a agir da forma que agiu. A palavra do pai deveria ser respeitada acima de tudo, questioná-la seria fragilizar a sua própria posição de novo chefe da unidade familiar. (2003: 22-23)

Ainda que não trabalhe com gênero, Chaloub ao analisar a sociedade senhorial, os que dominam e são dominados, consegue explicitar em Helena aquilo que autoras como Judith Butler e Joan Flax apontam sem seus estudos. Para Butler, gênero é performance, algo que precisa ser construído socialmente, reforçado com gestos, atitudes, palavras, *“(...) uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituída num espaço externo por meio de uma repetição estilizada de atos”*. (BUTLER, 2010: 200)

A atuação de Estácio, e isso foi preservada na adaptação para mangá, é antes de tudo assumir um papel e desempenhá-lo, tanto no espaço público, quanto no privado e, se possível, crer nele. Pautado nesse *“(...) conjunto de significados já estabelecidos socialmente (...)”*,

(BUTLER, 2010: 200) a interação com Helena será marcada pela certeza do moço de que é superior à irmã – homem, mais velho, senhor da casa, racional etc. – e que ela lhe está subordinada, que deve ser protegida. Conforme defende Flax, através do gênero “(...) *dois tipos de pessoas são criadas*” e que dessa construção histórico-social decorrem “(...) *divisões e atribuições diferenciadas e (por enquanto) assimétricas de traços e capacidades humanas.*” (1991: 228).

Analisando o mangá, percebemos que as autoras capturaram bem a figura de Estácio. A severidade dos códigos sociais e das expectativas de gênero, estão marcadas na arte, em certa contenção de movimentos e na rigidez. As personagens masculinas, no geral, são desenhadas de forma menos dinâmica. No caso do Dr. Camargo, que conspira contra Helena para que sua filha se case com Estácio e possa herdar toda a fortuna do Conselheiro, são seus olhos que denunciam suas intenções. A desenhista colocou em imagens as palavras do narrador-autor de forma bem eficaz.

Passemos agora para Helena, ela é detentora de um caráter dúbio. No livro, Estácio desconfia da irmã, e esse aspecto não está marcado no mangá, um detalhe perdido, portanto. Quanto à Helena, ela joga com os papéis de gênero. Conhecedora dos códigos, daquilo que é esperado dela, a moça consegue manobrar as outras personagens até certo ponto. Este aspecto é destacado por Chaloub em sua análise da ideologia senhorial, e essa ideologia é norteada pelos papéis de gênero, também, afinal são discursos e práticas que constituem o binarismo feminino-masculino no social. O mundo de Helena é gendrado e binário e a protagonista, mais do que todos, parece conhecer as regras dessa sociedade, os demais parecem se mover sem, talvez se questionarem sobre o caráter construído ou natural do mundo no qual circulam.

Assim, “*Helena tem plena consciência do potencial de violência inerente à posição de Estácio*” (2003: 37), por isso, ela finge se dobrar, permite que o “irmão” creia que está no comando em todas as coisas. Ela dissimula. Uma sequência exemplar desse tipo de manobra, e que é analisada por Chaloub, ocorre quando Helena pede que Estácio a ensine a cavalgar mediante uma série de subterfúgios. É uma cena central ao livro quando a questão é uma análise de gênero e devemos compreender as estratégias da protagonista, como uma manobra dos códigos vigentes.

No fim das contas, Estácio descobre que nada tem para ensinar, Helena se desculpa pela mentira travessa. Mostra-se contrita, submissa e, ao mesmo tempo, coquete; atendendo a todas as expectativas de gênero impostas às moças. Ela domina as regras, tem consciência delas.

Estácio, ao contrário, parece não ter e afirma, em dado momento do livro que *“Sei e sinto que a sociedade tem regras dignas de respeito; aceito-as tais quais; mas deixem-me ao menos o direito de amar o que morreu.”* (ASSIS, 2008) O problema é não ser somente o amor pelo que morreu (a mãe) que enfraquece a posição da heroína.

Na adaptação, esta cena é remodelada de uma forma que enfraquece, de certa forma, uma possibilidade de análise de gênero que o livro possibilita. Toda adaptação é uma outra obra, uma criação; não se pode perder isso de vista em relação às traduções da obra literária para outras mídias, seja o cinema, o teatro, os quadrinhos. Não era objetivo das autoras discutir as questões de gênero, ainda que não pudessem delas fugir, afinal, o texto original está permeado das desigualdades e limitações dos papéis impostos à mulheres e homens. As autoras defendem sua opção da seguinte forma:

Nós mantivemos a essência básica da obra que tem uma crítica bem sutil. Dessa forma, procuramos não ir além de Machado, embora tenhamos mostrado em algumas cenas, através de alegorias gráficas que, tanto Helena como Estácio, estavam sendo manipulados por convenções sociais da época. O objetivo era mostrar a obra da forma mais íntegra possível, então não havia espaço para divagar demais sobre essas questões sem quebrar o ritmo dela. (2017)

Neste ponto, concernente à análise ou apresentação dos papéis de gênero e das tensões relativas a estes, insistimos, a adaptação para mangá ficou aquém do original. O jogo de Helena, no entanto, era perigoso, e começa a ruir quando ela se vê presa do dispositivo amoroso. O dispositivo amoroso, opera a construção do feminino, do ser mulher. Um dispositivo é uma rede de discursos, narrativas e conhecimentos que se entrelaçam, recebem estímulos e encontram resistências; que constroem corpos, sentimentos, legitimam prazeres e caracterizam a culpa. O dispositivo amoroso é aquele que caracteriza as mulheres como seres movidos pelo sentimento, pelo cuidar, pelo amar e pelo se dar ao outro. (NAVARRO-SWAIN, 2008: web)

Helena não é um ser autônomo, mas uma personagem inserida no social. Para ser aceita pela família, ela se vale de máscaras, mas há sentimentos os quais, no livro e em sua adaptação, são verdadeiros e a fragilizam. Ela desenvolve afeto genuíno por D. Úrsula, servindo-a e sendo atenciosa, termina por conquistar o afeto da velha senhora; com seus modos gentis, ela ganha a estima dos escravos e outras pessoas que circulam pelo romance; mas ao amar Estácio, ela coloca em risco sua posição, seu segredo, as convenções sociais.

É o dispositivo amoroso que permite à chantagem do Dr. Camargo tornar Helena refém; afinal, a heroína pode suportar tudo, menos o sofrimento de Estácio, o escândalo, a vergonha

para a família que desabaria sobre o ser amado, e, mais que tudo, que ele a veja como uma aventureira. Para que Estácio não sofra, Helena se sacrifica.

Assim, quando seu segredo começa a ruir, Estácio usa de suas prerrogativas patriarcais para exigir submissão, Helena recua, mas defende que há limites para esse poder. Tal e qual Antígona de Sófocles, ela apela para deveres mais fortes, leis mais antigas do que aquelas ditadas pelos homens. A forma de marcar a resistência? A morte. A tragédia que marca o final da obra, mais do que criticar as estruturas sociais vigentes, as reforça, pois empurra os que sobrevivem à conformidade.

### **Considerações Finais**

O livro Helena não deve ser visto como uma obra menor de Machado de Assis, mas como um material rico em si mesmo e que possibilita inúmeras análises, sendo de gênero somente uma delas. Consideramos que a adaptação para quadrinhos, ao tentar abordar a obra como um todo, de ter um número de páginas limite, precisou sacrificar algumas discussões que o texto original deixava em destaque.

Toda adaptação tem duas faces, é uma obra autônoma, um discurso norteado por questões contemporâneas, interesses e limitações comerciais, autorais, e simultaneamente mantém todo um diálogo com o original, deve “explicações” a ele, de certa forma. Helena do Studio Seasons captura bem o livro e, também, dialoga com os quadrinhos japoneses e suas convenções narrativas. Curiosamente, não há no volume nenhum dos recursos humorísticos que marcam muitas obras japonesas e se fazem presentes em várias adaptações para quadrinhos de obras consagradas. É um material artisticamente elaborado, porém, é rígido, sisudo. De qualquer forma,

As obras – mesmo as maiores, ou, sobretudo, as maiores – não têm sentido estático, universal, fixo. Elas estão investidas de significações plurais e móveis, que se constroem no encontro de uma proposição com uma recepção. Os sentidos atribuídos às suas formas e aos seus motivos dependem das competências ou das expectativas dos diferentes públicos que delas se apropriam. Certamente, os criadores, os poderes ou os experts sempre querem fixar um sentido e enunciar a interpretação correta que deve impor limites à leitura (ou ao olhar). Todavia, a recepção também inventa, desloca, distorce. (CHARTIER, 1999: 9).

Concluindo, a maneira como a sociedade em geral, professores e acadêmicos mudou nas últimas décadas, o lugar dos quadrinhos na educação, nas bibliotecas, nas pesquisas científicas ainda é indefinido. Literatura? Uma mídia autônoma? O fato é que a produção de adaptações literárias, ou mesmo a incorporação dos quadrinhos às bibliotecas escolares, depende, em larga medida, de recursos públicos. Neste momento, em virtude das

transformações sofridas na política nacional, não é possível afirmar qual será o futuro do PNBE, ou das políticas do MEC.

### **BIBLIOGRAFIA**

- ASSIS, Machado. **Helena**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2008. (edição digital)
- STUDIO SEASONS. **Helena: Adaptado da Obra de Machado de Assis**. São Paulo: NewPop, 2014.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- CHARTIER, R. **A ordem dos livros**. Brasília: UnB, 1999.
- DANZIGER-RUSSELL, Jacqueline. **Girls and Their Comics: Finding a Female Voice in Comic Book Narrative**. Lanham: Scarecrow, 2013.
- CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis, historiador**. São Paulo: Cia das Letras, 2003.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: Uma Introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- EISNER, Will. 2001. **Quadrinhos e Arte Sequencial**. São Paulo: Martins Fontes.
- FORMIGA, Girlene Marques. **Adaptação de clássicos literários: uma história de Leitura no Brasil**. (tese de doutorado) João Pessoa: UFPB, 2009.
- FLAX, Jane. “Pós-moderno e relações de gênero na teoria feminista” In: BUARQUE DE HOLANDA, Heloísa (org.). **Pós-modernidade e política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991, p. 217-250.
- LAURETIS, Teresa. “A Tecnologia do Gênero” In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Tendências e Impasses – O Feminismo como Crítica da Cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-241.
- NAVARRO-SWAIN, Tânia. **Para Além do sexo, por uma estética da liberação**. 2008. Disponível em: <http://www.tanianavarroswain.com.br/chapitres/bresil/est%20E9tica%20liberacao.htm>. Consultado em 11 de agosto de 2017.
- SANTOS, Rogério Fernandes dos. **O reflexo de Helena: modelos literários e nacionalidade em Helena (1876), de Machado de Assis**. (dissertação de mestrado) São Paulo: USP, 2009.
- SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas: Forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro**. São Paulo: 34, 2000.



VERGUEIRO, Waldomiro. “A linguagem dos quadrinhos uma “alfabetização” necessária” in \_\_\_\_\_. **Como Usar as Histórias em Quadrinho na Sala de Aula.** São Paulo: Contexto, 2004, p. 31-64.

\_\_\_\_\_, RAMOS, Paulo. “Os quadrinhos (oficialmente) na escola: dos PCN ao PNBE” in: \_\_\_\_\_, RAMOS, Paulo. (orgs.) **Quadrinhos da Educação.** São Paulo: Contexto, 2009, p. 9-42.